

# EXPLORANDO A HISTÓRIA LOCAL EM UMA SALA DE AULA DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EJA

Vanessa Maria Costa Bezerra Silva; Priscilla Almeida Silva.

*Universidade Federal de Alagoas, [vanessacosta.ufal@gmail.com](mailto:vanessacosta.ufal@gmail.com). Universidade Federal de Alagoas,  
[priscillaalmeidaas@gmail.com](mailto:priscillaalmeidaas@gmail.com).*

## Resumo

O presente trabalho vem apresentar um resumo do Estágio Supervisionado III na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), o qual foi desenvolvido por alunos do curso de Pedagogia-Licenciatura, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL/Campus Arapiraca. Realizamos uma pesquisa com roteiro de questões semiestruturadas e, após as entrevistas foram observadas algumas aulas da turma a fim de se aproximar da realidade desses alunos e realizar o planejamento das intervenções, o qual partiu da necessidade de se explorar a história de Arapiraca/AL, considerando que, a data de comemoração da emancipação política da referida cidade se aproximava, além de ser um tema importante para que os alunos pudessem compartilhar suas vivências, trocar experiências e conhecimentos sobre o lugar em que moram. Como fundamentação teórica, nos baseamos em autores como por exemplo, Freire (1987), Oliveira (2005), Souza (2011), Vasconcelos (2002), dentre outros, que serviram como base para desenvolver esse trabalho. Vale destacar que, o Brasil desde a sua constituição é marcado por profundas desigualdades sociais, visto que, enquanto uma parte usufrui de excelentes escolas, outra parte da população luta pelo acesso à escola e, é nesse cenário de disputa e de desigualdades sociais que a EJA vem se constituindo, tendo como principal objetivo a educação para os sujeitos que não frequentaram a escola na idade dita como “regular” ou que precisaram se excluir dela por vários motivos, principalmente econômicos, sendo a maioria dos alunos trabalhadores ou aposentados.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado, EJA, História local.

## 1 Introdução

O Brasil desde a sua constituição é marcado por profundas desigualdades sociais, visto que, enquanto uma parte usufrui de excelentes escolas, outra parte da população luta pelo acesso à escola e, isso se estende para outras áreas como: saúde, lazer, moradia, segurança, entre outros.

Ora, diante do cenário em que o Brasil se encontrava no ano de 1890, no qual 85,21% da população era iletrado, fomentava-se a necessidade de que esse iletrado, considerado como

ignorante, precisava se ajustar ao mundo social e, a educação tornou-se um meio para superar esse problema.

Nesse sentido, a Educação de Jovens de Adultos (EJA), antes denominada de Educação de Jovens e Educação Popular, sendo que “a educação de adultos tem trajetória secular na educação brasileira, tendo como bandeira central a superação do analfabetismo” (SOUZA, 2011, p. 36) e, “a educação popular é um paradigma educacional, se assim se pode dizer, que articula o acesso ao conhecimento e processos emancipatórios” (SOUZA, 2011, p. 36). Essa educação destinada a jovens e adultos passa a ser vista como um fator necessário para nação.

Conforme Souza (2011)

Foi ao longo do século XX que a educação popular recebeu maior valorização, pois, de um lado, existiam idealizadores da educação que tentavam fortalecer o lugar dela nos debates políticos e, de outro, havia a organização popular que seria adensada com as mudanças advindas das relações econômicas e da reorganização dos espaços rural e urbano. (p. 40).

Paulo Freire, é um desses idealizadores e incentivadores que contribuiu para o debate da educação popular no Brasil, principalmente nos anos de 1960, enfatizando a proposta “de uma pedagogia problematizante e não de uma ‘pedagogia’ dos ‘depósitos’, ‘bancária’”. (1987, p. 100).

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, conforme o Art. 205, destaca-se que,

A educação direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2016, p. 123).

Sendo a educação ofertada através da articulação entre estados e municípios, de acordo, com o contexto social, político e econômico.

Na década de 1990 foram implantados alguns programas voltados para a EJA, como por exemplo o Programa Nacional de Educação de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEEBJAS) e o Programa Brasil Alfabetizado (PAS). Convém ressaltar que, a EJA é marcada por um contexto de programas governamentais, parcerias entre Secretarias Estaduais de Educação, Universidades, Movimentos Sociais e Sociedade Civil.

No dia 20 de dezembro de 1996, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Em relação a EJA, a lei apresenta em seu Art. 37. que “a educação de

jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. (BRASIL, 1996).

Porém, existe uma contradição quanto ao investimento nessa modalidade de ensino, uma vez que, após a implementação da LDB 9.394/96 e com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), de acordo com a lei 9.424 de 24 de dezembro de 1996, a matrícula de alunos na educação de jovens e adultos não é computada para a distribuição desses recursos, ficando apenas a computação das matrículas de 1ª a 8ª séries do ensino fundamental.

O FUNDEF focalizou a distribuição de recursos para os alunos de 7 a 14 anos, porém excluiu a educação dos jovens e adultos que não tiveram acesso ou condições de permanência na escola na idade “certa”. Ao tempo em que esse fundo garantia recursos para o ensino fundamental das crianças e adolescentes, deixava a educação infantil, ensino médio e a EJA sem esse parcial financiamento.

Adiante com a promulgação da Emenda Constitucional (EC), nº 53 de 2006 e com a Lei 11.494 de 20 de junho de 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos profissionais da Educação (FUNDEB), é que serão contabilizadas as matrículas da EJA, conforme o Art. 60, parágrafo 4º da EC 53/2006.

Para efeito de distribuição de recursos dos Fundos a que se refere o inciso I do *caput* deste artigo, levar-se-á em conta a totalidade das matrículas no ensino fundamental e considerar-se-á para a educação infantil, para o ensino médio e para a educação de jovens e adultos 1/3 (um terço) das matrículas no primeiro ano, 2/3 (dois terços) no segundo ano e sua totalidade a partir do terceiro ano. (BRASIL, 2006).

É nesse cenário de disputa e de desigualdades sociais que a EJA vem se constituindo, tendo como principal objetivo a educação para os sujeitos que não frequentaram a escola na idade dita como “regular” ou que precisaram se excluir dela por vários motivos, principalmente econômicos, sendo a maioria dos alunos trabalhadores ou aposentados.

Diante desse contexto, o presente trabalho vem apresentar um resumo do Estágio Supervisionado III na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), o qual foi desenvolvido por alunos do curso de Pedagogia- Licenciatura, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL/Campus Arapiraca, sendo este componente obrigatório do currículo do referido curso.

Como fundamentação teórica, nos baseamos em autores como por exemplo, Freire (1987), Oliveira (2005), Souza (2011), Vasconcelos (2002), dentre outros, que serviram como base para desenvolver esse trabalho.

## 2 Metodologia

O presente trabalho se desenvolveu numa escola da rede de educação básica pública do município de Arapiraca/AL, na turma da EJA da 2ª e 3ª fase, a qual funciona como uma turma multisseriada devido a quantidade de alunos evadidos nessas duas turmas e contendo apenas 1 (um) professor.

Para coletar as informações da vida desses sujeitos da EJA, realizamos uma pesquisa no âmbito quantitativo e qualitativo. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32), enquanto que na pesquisa quantitativa os resultados podem ser quantificados e “recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc.” (FONSECA, 2002, p. 20).

As entrevistas com os sujeitos tiveram como instrumento para coleta de dados um roteiro de questões semiestruturadas, utilizando as seguintes indagações: idade?, estado civil?, onde residem?, quantas pessoas moram na mesma residência?, se trabalham?, profissão?, escolaridade de todos os membros da família?, quantidade de filhos?, e o que fez retornar a sala de aula?.

Na próxima etapa ocorreram as observações das aulas na referida turma, a fim de se aproximar da realidade desses alunos, observar a metodologia utilizada pela professora e ver os conteúdos que estavam sendo abordados, uma vez que, a partir dessas observações iríamos fazer o planejamento das intervenções de acordo com as necessidades dos alunos.

Depois das observações, o planejamento das intervenções partiu da necessidade de se explorar a história de Arapiraca/AL, considerando que, a data de comemoração da emancipação política da referida cidade se aproximava e a escola participaria do desfile cívico, além de ser um tema importante para os alunos, para que eles pudessem compartilhar suas vivências, trocar experiências e conhecimentos sobre o lugar em que moram.

Como salienta Freire (1987),

Numa visão libertadora, não mais “bancária” da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças. Daí a investigação da temática como ponto de partida do processo educativo, como ponto de partida de sua dialogicidade. (p. 73).

É partindo dessa perspectiva que traçamos as intervenções de modo interdisciplinar para os alunos da turma da EJA, proporcionando uma educação libertadora, que possibilite aos alunos e ao professor uma troca de saberes.

### **3 Resultados e Discussão**

As entrevistas foram realizadas com 17 (dezesete) alunos. É importante enfatizar que essa é a quantidade de alunos que estavam frequentando as aulas nos últimos dias e, isso é uma característica das turmas da EJA, a evasão escolar.

Nas entrevistas buscamos conhecer um pouco da realidade de vida desses sujeitos, seus anseios, o motivo de saírem de suas casas para buscar na EJA uma nova oportunidade de aprender a ler, escrever e conhecer outras visões de mundo. Constatamos também que a maioria dos membros das famílias desses alunos possuem ensino fundamental incompleto e, que apenas alguns dos filhos desses sujeitos concluíram o ensino superior.

Seguindo essa perspectiva, Vasconcelos (2002) ressalta que:

Precisamos saber quem é o aluno que procura nossa escola: o que pensa da escola, quais suas expectativas pessoais e profissionais, qual sua origem social, sua situação social atual, que valores cultiva, quais suas condições objetivas de existência, sua linguagem, acesso a meios de comunicação, participação em ‘grupos de cultura’, etc. (p. 107).

Quem são esses alunos? São sujeitos que possuem idade entre 22 anos a 62 anos, sendo 11 do sexo feminino, e 6 do sexo masculino. Em relação ao estado civil e quantidade de filhos, 7 são casados oficialmente, 5 moram juntos, 5 são divorciados, e tem entre 2 a 6 filhos. Quanto ao local em que residem, 14 moram em residência própria, 2 em casas alugadas e 1 com os pais, tendo entre 1 a 8 moradores na mesma residência.

Em relação as profissões exercidas pelos alunos da EJA, temos carregador de frete com carro de mão, serralheiro, caminhoneiro, técnico em ar-condicionado, diarista, vendedor autônomo, serviços gerais, e agricultor. Dos entrevistados 2 possuem emprego formal, 7 informal, 1 aposentado e 7 não trabalham.

Gouveia e Silva (2015) salienta que,

As classes da EJA são frequentadas por indivíduos com diferentes idades além de diferentes origens, histórias, realidades e expectativas. Toda essa complexidade gera uma grande dificuldade de entender as particularidades desse grupo tão heterogêneo, e ainda as necessidades diferenciadas que estes apresentam. Para que se entenda, é necessário refletir um pouco sobre os motivos que os fizera retornar ao ambiente escolar. (p. 751).

Considerando esse contexto, buscamos entender o motivo que os fizeram retornar a sala de aula e, dentre os entrevistados, 5 alunos relataram que “não tiveram oportunidade antes”, 11 alunos falaram que “quer aprender a ler e escrever”, e 1 aluno respondeu que “não tem o que fazer e vem estudar”.

Após as entrevistas e as observações em sala de aula, elaboramos o projeto de intervenção, o qual foi dividido em três etapas. Para esse processo de elaboração do projeto, corroboramos com Vasconcelos (2002), ao entender a educação como um “sistemático e intencional processo de interação com a realidade, através do relacionamento humano baseado no trabalho com o conhecimento e na organização da coletividade, cuja finalidade é colaborar na formação do educando na sua totalidade”. (p. 98)

Na primeira intervenção iniciamos com os conhecimentos prévios dos alunos, acerca do referido município, os levando a refletir a partir de indagações sobre lazer, educação, vegetação, economia, população, entre outras. Nesse primeiro momento os alunos expuseram através da linguagem oral o que eles lembravam, por exemplo: como eram os lugares, as ruas, as praças, a feira, o centro da cidade, o bairro em que residem e, o que teria mudado com o passar do tempo, de acordo com suas memórias. Diante do que eles apresentavam, nós escrevíamos na lousa os pontos principais para resgatá-los na última etapa da intervenção.

Na primeira etapa a aula foi completamente participativa e os alunos mostraram bastante interesse, em relação ao tema, dialogando entre si e compartilhando suas experiências. É importante destacar que muitos alunos não sabiam a data da emancipação política de Arapiraca/AL e quantos anos de emancipação a cidade iria completar.

Apesar dos alunos estarem participando da aula e mostrando-se satisfeito com a proposta da intervenção, houve um fato que marcou esse momento. A professora da turma pediu que alguns alunos saíssem da sala de aula e fossem ter aula de reforço em outra sala, não dando importância para a intervenção que estava sendo realizada. Nesse momento teve alunos que se recusaram a sair da sala de aula, mas com a insistência da professora eles foram para a aula de reforço da disciplina de Português.

Em relação a esse momento, vale destacar Freire (2015), pois de acordo com o autor “às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo” (p. 43). São simples gestos que as vezes reprime o aluno, o professor se coloca como um autoritário e não considera ou dialoga sobre o direito de escolha desses sujeitos.

Na segunda intervenção levamos materiais para os alunos confeccionarem cartazes com imagens relacionadas ao antes e depois do município de Arapiraca/AL. Ao explicar como seria realizada a intervenção do dia, os alunos já começaram a organizar a grande mesa para trabalharem em grupo, ao finalizar os cartazes, os alunos falaram a que lugar se referia cada imagem colada no cartaz e escreviam o nome abaixo da figura, caso tivesse algum erro ortográfico, fazíamos a correção coletivamente.

A proposta da terceira e última intervenção foi levar as características do texto informativo, para explicar aos alunos como construir um texto desse tipo com os pontos apresentados por eles na primeira intervenção. Elaboramos um pequeno texto informativo e levamos para mostrar como é possível a partir de relatos construir um texto informativo. Distribuimos cópias para todos e cada aluno fazia a leitura de uma parte do texto. Os alunos que demonstravam alguma dificuldade, eram auxiliados para realizar a leitura. Para finalizar a intervenção um dos estagiários realizou a leitura do texto em voz alta.

Nota-se diante dessas intervenções que,

Com relação a inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem. (OLIVEIRA, 2005, p. 63).

Percebemos que a intervenção foi muito importante para todos os alunos, como também para os estagiários. Considerando que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. (FREIRE, 1987, p. 46).

A troca de experiências entre os alunos e estagiários foi de suma importância para ambos, uma vez que, esse diálogo possibilitou a ampliação do conhecimento do lugar em que os alunos residem, trabalham e estudam.

#### **4 Conclusão**

O estágio supervisionado III em EJA, nos possibilitou uma aproximação com a realidade dos alunos que buscam através dessa modalidade de ensino, suprir suas necessidades escolares, tendo em vista que a maioria não teve acesso ao ensino na idade regular ou precisaram se afastar da escola para trabalhar.

Porém, diante das exigências do atual modelo de sociabilidade vigente no Brasil, a qual exige dos sujeitos uma formação para se manter ou adentrar-se no mercado de trabalho, esses jovens e adultos percebem a necessidade da formação escolar para ocupar esses espaços e retornam as salas de aula da EJA.

Ademais, é de suma importância destacar que essa experiência nos permitiu conhecer, através dos relatos orais nas entrevistas, e ver a realidade desses sujeitos, que, em sua maioria, passam o dia trabalhando e a noite vão para a escola em busca da realização de um sonho em comum, aprender a ler e escrever.

Entretanto, essas histórias nos fizeram refletir sobre a prática docente, nossas limitações, anseios e, a vida de um modo geral, pois ao ver pessoas que apesar de tantas dificuldades, sejam elas familiares, financeira, doenças, entre outras, deixam suas casas todas as noites para se alfabetizarem.

De um modo geral, destacamos como bem produtivas as atividades desenvolvidas pelo grupo no estágio supervisionado III, enfatizando a importância de se trabalhar a história local dos alunos e, com práticas pedagógicas que priorizem uma educação libertadora e que o diálogo entre alunos e professores se torne presente, uma vez que ouvir os alunos significa conhecer sua cultura.

## Referências

BRASIL. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília. Disponível em: <  
[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 09 set. 2018.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília, 2016.

BRASIL. Senado Federal. **Emenda Constitucional nº 53, de 2006**. Brasília, 19 de dezembro de 2006. Disponível em: <  
<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2006/emendaconstitucional-53-19-dezembro-2006-548446-publicacaooriginal-63582-pl.html>>. Acesso em: 09 set. 2018.

FÁVERO, Osmar; IRELAND, Timothy Denis (Org.). Educação como exercício de diversidade. In: OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005, p. 61-84.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. ed. 17. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. ed. 51. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. ed. 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz de. **A formação educacional na EJA**: dilemas e representações sociais. Belo Horizonte: Revista Ensaio, v. 17, n. 3, p. 749-767, set./ dez., 2015.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação de jovens e adultos**. ed. 2. Curitiba: Ibpx, 2011.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. ed. 10. São Paulo: Libertad, 2002.